

Reseñas / Recensões críticas

Pensardiverso. Nº 6 – *Identidades*. Revista de Estudos Lusófonos (Direcção Científica de Celina Martins), Universidade da Madeira e Centro de Estudos Regionais e Locais, setembro de 2018.

Leonor Martins Coelho
Universidade da Madeira e
Centro de Estudos Comparatistas
lfcoelho@staff.uma.pt

Sob o signo das Identidades, o sexto número da revista *Pensardiverso*¹ abre-se ao encontro e ao relacional, opondo-se à organização binária do pensamento unicista. Com periodicidade anual, esta revista engloba contributos das mais variadas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Pelo efeito do titulado, as seis secções da revista dialogam com a análise inter e multidisciplinar do campo do comparativismo: percurso, varanda, janela da literatura, janela da linguística, pólen e palavras, vozes & pontes constituem-se, por um lado, como espaços de observação necessários para reflexões aturadas, e, por outro, como lugares de passagens comunicantes imprescindíveis para a compreensão da Humanidade. Nesta morada múltipla e diversa, afirma-se a pertinência dos processos identitários, delineiam-se interpretações e partilham-se (brin)criações literárias.

A questão identitária – global, nacional, regional, familiar, étnica, de género, etc. – tem ocupado a cena nos últimos tempos, desencadeada pela mudança de paradigma da década de 60 do século XX, muito embora já tenha sido (pres)sentida em fases anteriores. Face ao mundo em metamorfose constante, o fluxo das mobilidades, os (des)encontros pós-coloniais e a procura de outros mapeamentos ditam uma forma diferente de olhar para o Outro e abrem debates enriquecedores sobre o Universal e o Singular, o absolutizante e o (inter)subjectivo, o contínuo e o efémero, a homogeneização, a fragmentação e a explosão de seres e sentidos.

¹ A apresentação da revista *Pensardiverso* teve lugar a 18 de dezembro no Teatro Municipal Baltazar Dias, no Funchal. Nesta recensão crítica, recupero parte da minha apresentação.

Enredada numa dupla tentação que tenta conciliar um Eu com Outridades, a valorização da diferença e a aceitação do diverso caracterizam a sociedade hodierna. A problemática identitária marca, efetivamente, presença na actualidade dos nossos dias: no discurso político, no discurso religioso, no discurso social, no discurso académico e até no discurso da nossa esfera íntima. O diálogo identitário, a aceitação da diversidade cultural, a compreensão da pluriculturalidade e da alteridade continuam a ser assuntos actuais. O discurso deixa de ser a tom sépia e deseja abrir-se às cores do arco-íris das identidades rizomáticas e aos territórios menos explorados. Ele propõe uma desterritorialização do pensamento, conduzindo-nos, assim, à(s) alteridade(s), à mestiçagem e à des-singularização. Opera-se, talvez utopicamente, a gramática da humanidade heterogénea, derivada e vivenciada num espaço 'entre-deux'. Em todo o caso, trata-se de um espaço e um tempo entre culturas e identidades, entre crenças e religiões, 'entre-actos' de partilha, numa representação da variação, da conjugação e, naturalmente, do distinto.

Contrariamente à repartição dualista de gentes, géneros, usos e costumes, a organizadora Celina Martins anuncia sua nota introdutória:

É precisamente nesta perspectiva dinâmica, mutante e multifacetada que os artigos deste número 6 da revista *Pensar diverso* se inscrevem, reflectindo sobre a construção da identidade como fenómeno relacional que se produz em diálogo com o Outro, num processo de negociação cultural constante, através de discursos e práticas sob o signo da transformação e de metamorfose. (2018: 6)

Anuncia-se, assim, uma modernidade dialogante que coloca a tónica nas identidades culturais como resultado de traumas e esquecimentos, de supremacias e de subjugações, mas também de memórias e de encontros.

Vejamos a edição que se apresenta.

A secção "varanda" desdobra-se em torno do processo identitário construído pelo escritor brasileiro Glauco Mattoso. Os autores do ensaio enveredam pela escrita autoficcional de Mattoso, desafiando as múltiplas identidades do escritor de o *Manual do Pedólatra Amador*. Este 'escritor maldito' deixa-nos no seu *Manual*, quer na primeira edição de 1986, quer na edição revista e publicada em 2006 (com o título *Manual do Podólátra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*), ironias identitárias e escritas que se diluem entre a identidade da realidade e a identidade da ficção deste Eu, convidando, deste modo, o leitor a entrar num jogo de uma leitura sensorial. O destaque do ensaio

recai no facto de o autor (re)criar *personas* e, de um ponto de vista estético, promover o paradoxo, o desdobramento e o jogo identitário. A secção “janela da literatura” apresenta quatro artigos de teor diverso, mas com denominadores comuns. O primeiro artigo desdobra-se a partir do tópico da viagem como busca da identidade na escrita saramaguiana. A viagem permitirá a José Saramago repensar a identidade coletiva e simultaneamente a identidade individual, como acontece, por exemplo, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra* e *Memorial do Convento*. Viagens, demanda e errância acentuam, pois, a escrita de (auto) questionamento do escritor. Na produção de Saramago, o leitor pode acompanhar as múltiplas deslocções espaciais, temporais e identitárias das vozes dos textos e, por isso, acompanha o ‘acontecer português’. Esta expressão que Maria Alzira Seixo utiliza nos estudos consagrados a Saramago foi retomada por Odete Jubilado, autora do artigo, e cuja tónica a universitária associa à “(re)descoberta de espaços exteriores e interiores” (2018: 30) e à busca de viagem. As identidades reconstroem-se, assim, nessa relação de redescoberta e nesse entrecruzar de dados que a mobilidade proporciona. Viajar pode ser um modo de conhecimento do Eu face ao Outro. Navegar é, ainda, ler o local e o global. Percorrer mundos é, simultaneamente, esboçar os mundos que em nós existem. É aceitarmos que somos múltiplos.

No segundo artigo, Paulo Figueira opta por analisar a identidade lusófona e o destino épico da lusofonia em *O Beijo da Palavrinha* de Mia Couto. Incidindo sobre um texto de recepção infantil, o estudioso reflete sobre a construção identitária moçambicana em contexto pós-independência. Se a lusofonia parece querer constituir-se como uma identidade plural, não é menos verdade que ela contém, apesar desta marca global diferenciadora, uma marca da edificação colonial, sob o signo do espelhamento dialogante diaspórico. Tendo em conta a faixa etária a que se destina o texto do Mia Couto, esta leitura poderia apresentar propostas concretas de estudo que ensinem aos mais jovens os meandros da “irónica unicidade plural da lusofonia” (2018: 49) e a descolonização do pensamento.

Na leitura apresentada por Maria José M. Madeira D’Ascensão, a tónica é colocada na narrativa de José Régio. A perspectiva de análise roça a vertente linguística, sublinhando desta forma a leitura multidisciplinar deste estudo. Os processos de variabilidade, alternância ou de reverbação apontados pela estudiosa salientarão, em quatro

grupos de personagens anónimas, uma referencialização identificativa construída na escrita regiana. São, pois, personagens anónimas que, numa estética linguístico-literária, são seres identificáveis.

O artigo de Celina Martins envereda pelos mundos dilacerados da ficção de Milton Hatoum. Resgatar memórias do passado permitirá às diferentes vozes dos textos efetuar um trabalho de catarse e de reconstrução identitária. O *corpus* teórico liga a escrita de Hatoum à questão das identidades fragmentadas em ‘celebração móvel’, como a descreveu Suart Hall. Assim sendo, o leitor pode acompanhar em *Relato de um Certo Oriente* e em *Dois irmãos* a forma como a incomunicabilidade pode ser ultrapassada, o regresso ao passado pode ser um passo para a reconstrução identitária e chave para a busca de sentidos no presente. A identidade não é estanque. Os cambiantes identitários e as pertenças culturais múltiplas problematizam, pois, a identidade como travessia, vivências múltiplas e (re)construção permanente.

A “janela da linguística” oferece dois trabalhos de teor interdisciplinar. Aline Bazenga segue os trilhos da construção da ‘identidade madeirense’. Enquanto espaço de fronteira, de chegadas e de partidas, a ilha abre-se a contactos, a reformulações identitárias e a formas particulares de falares locais. A autora salienta que as “variedades linguísticas usadas pelos seus falantes podem marcar as suas identidades” (2018: 91). A estudiosa optou, primeiramente, por fazer uma revisão dos conceitos de ‘madeiridade’ e ‘madeirensidade’ recorrendo a estudiosos ou escritores que refletiram sobre a ‘identidade do ilhéu’. Numa época de risco de ressurgimentos de unicismos culturais e identitários, a questão colocada é complexa. Todavia, numa época de valorização global, não deixa de ser interessante apontar a existência de um fundo linguístico local, construído não tanto por isolamento territorial, mas antes construído por contactos culturais diversos. “Nem Cila Nem Caribdis. Somos todos translocais”, disse Carlos Fortina.² Sublinho, pois, os usos indiciais dessa ‘madeirensidade’ numa era híbrida e globais.

Quem somos? Como falamos? Como comunicamos? Questões dilemáticas aparentemente resolvidas no que concerne aos luso-descendentes. Quanto aos contactos com a Venezuela, a estudiosa Naidea Nunes Nunes opta por realidades plurais e dinâmicas ligadas à ‘língua de herança’ e à língua materna de dois grupos distintos: os

² In *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras, Celta, 1999, 11.